

FORMAÇÃO DE PROFESSOR: uma experiência de docência na EJA

Marcklene Silava de Lima; Alessandra de Oliveira Ribeiro; Aline de Oliveira Ribeiro; Marckleide Silva de Lima Costa;

Resumo: Este trabalho tem como objetivo principal relatar as experiências em docência na Educação de Jovens e Adultos, uma vez que na formação de professores precisamos conhecer todos os campos que o professor poderá atuar. Nossa experiência ocorreu na cidade de Lagoa de Dentro – PB, no período de maio/junho de 2016. Estagiamos em uma sala da EJA do 1º ciclo. Tivemos como objetivo de estágio propor sete oficinas sobre gêneros textuais com aulas temáticas. Nossas oficinas foram fontes de grande aprendizado, pois a partir delas conhecemos o universo da EJA, com suas qualidades e dificuldades. Tivemos como objetivos promover nos alunos um maior conhecimento sobre os diversos gêneros textuais que fazem parte de nosso cotidiano e dialogar com sua realidade dos alunos, proporcionando uma troca de saberes. Pois compreendemos que a educação é um processo dialógico, onde há uma intensa troca de conhecimentos e construção de saberes através do diálogo. As experiências relatadas aqui neste trabalho foram de suma importância para compreendermos e conhecermos as práticas ocorridas nesta modalidade da educação brasileira. Uma modalidade que tem muitos desafios a enfrentar e que precisa ser tratada não como a escória da educação nacional, mas como um espaço rico de construção de novos saberes e de emancipação do cidadão. O professor ele deve estar aberto a mudanças, mudanças essas que perpassam a simples constatação que ensinar é só repassar conhecimentos, ensinar é construir novos saberes, ensinar é troca de experiências, ensinar é compartilhar conhecimentos e assim formar a educação.

Palavras-chave: Formação de professor, Educação de Jovens e Adultos, Docência.

INTRODUÇÃO

Nossa experiência foi realizada na Escola Estadual do Ensino Fundamental Getúlio Vargas, localizada na Rua do Comércio, nº 55, Lagoa de Dentro – PB, CEP: 58250-000. Em uma sala do 1º segmento da EJA. A turma que estagiamos tem matriculado 30 alunos, mas apenas 20 frequentam. A maioria já é alfabetizada (sabem ler e escrever). A faixa etária é de 30 a 60 anos. São domésticas, funcionários públicos efetivados, autônomos e aposentados.

A Educação de Jovens e Adultos – EJA vem nos últimos anos, passando por algumas modificações significativas. Deixando de ser uma educação assistencialista para ser um espaço onde as pessoas que não tiveram condições de estudar em sua infância e adolescência possa ter a oportunidade de aprender a ler, a escrever, a usar a Matemática, a conhecer seus direitos, a compreender outras culturas.

A EJA tornou-se assim um campo de intensas discussões, mas mesmo assim ainda continua “esquecida” das políticas públicas nacionais. Ouvimos falar o tempo todo em reformulações para a Educação Infantil, novas abordagens para o Ensino Fundamental, novos horizontes a alcançar para o Ensino Médio, mas quase nunca ouvimos falar em mudanças significativas para a EJA.

E neste contexto de discussões que permanecem como apenas discussões pouco se transformam em prática, que refletimos sobre esta modalidade. Passamos a conhecer a história que a EJA passou ao longo dos tempos, conhecemos quem são os sujeitos da EJA, refletimos sobre o professor e seu papel na construção desta educação, conhecemos as diversidades de uma sala de aula e as dificuldades presentes em seu cotidiano.

A educação é um campo de intensas modificações, sendo a EJA uma modalidade da educação, também torna-se parte integrante dessas modificações. Para falarmos sobre a EJA não podemos deixar de falar sobre sua história, suas lutas e grandes desafios que enfrentou e ainda persistem nas salas de aulas da Educação de Jovens e Adultos.

A EJA foi criada primeiramente para suprir uma necessidade urgente no país; diminuir o alto índice de analfabetismo no Brasil. Ligada a essa necessidade também surgiu a necessidade de se ter pessoas “formadas” que saibam no mínimo ler e escrever para trabalharem nas indústrias. A história da EJA começava então a ser escrita.

Em uma breve análise histórica temos:

- Em 1940 o governo de Vargas lançou a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) na tentativa de escolarizar os adolescentes e adultos analfabetos.
- Em 1960 surgiram os movimentos sociais inspirados por Paulo Freire que enfatizavam e defendiam a educação dos jovens e dos adultos na perspectiva libertadora, anti-capitalismo e anti-domínio social de classes.
- Em 1969 foi implantado o Movimento brasileiro de alfabetização – Mobral que tinha como finalidade principal acabar com o analfabetismo e integrar os jovens e adultos no processo de escolarização.
- Em 1970 o Ministério da Educação e Cultura – MEC criou o Ensino Supletivo, que tinha a finalidade de suprir a escolarização dos jovens e adultos que não conseguiram estudar no período certo, como também tinha a finalidade de profissionalizar, atualizar e

aperfeiçoar as pessoas para o mercado de trabalho. Em 1971 foi garantido o Supletivo, através da LBD n. 5.692/71.

- Em 1996 a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) Lei n. 9.394/96 estabelece no Art. 4º, inciso VII que é dever do Estado promover a educação na garantia de:

Oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola. (BRASIL, 1996)

- Em 2008 o Conselho Nacional de Educação e a Câmara de Educação Básica lançaram o Parecer CNE/CEB nº 23/2008, que institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos – EJA, nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância. Reexaminados em 2013 e incorporados nas Diretrizes Curriculares Nacionais.

Podemos perceber através destes fatos históricos que o caminho percorrido pela EJA foi de intensas modificações. Primeiramente porque no início de sua criação a EJA era um campo alvo de muitas iniciativas não-governamentais que de alguma forma interessavam-se por alfabetizar os jovens e adultos. Mesmo depois de o governo passar a ter uma responsabilidade acerca da EJA, em 1971, ainda continuaram sendo criados diversos movimentos, programas e instituições interessados nesta modalidade.

Depois de mais trinta anos (desde a década de 1940 até a década de 1970-90) é que começaram a pensar sobre a educação para os jovens e adultos como uma modalidade que merece estudos e também merece serem questionados dois grandes atores deste processo: quem são os professores da EJA? E quem são os alunos da EJA?

Todos os movimentos, iniciativas, instituições se preocupavam apenas em alfabetizar os jovens e adultos. Não se tinha uma preocupação sobre **quem** seriam os sujeitos que fariam essa alfabetização. Ou seja, o professor da EJA não tinha nenhum destaque, muito menos sua formação. Qualquer um poderia ensinar o outro a ler, independente se fosse necessário uma formação para isto.

Sobre isto Romão argumenta que se faz necessário repensarmos sobre o professor da EJA, uma vez que essa modalidade foi marcada por intensas mudanças e tem como

característica a diversidade, o professor não pode ser “qualquer um”, mas tem que ser um educador.

O professor é um educador... não querendo sê-lo torna-se um deseducador. Professor-instrutor qualquer um pode ser, dado que é possível ensinar relativamente com o que se sabe; mas professor/educador nem todos podem ser, uma vez que só se educa o que se é! (RAMÃO, 2011, p.71)

Ainda Arroyo (2006) vem questionar sobre esse profissional da EJA e sua formação. Redirecionando-nos para uma reflexão sobre os cursos de formação de professores, enfatizando a importância do professor da EJA ter conhecimentos específicos sobre esta modalidade, como sua história, seus desafios, seus sujeitos e sua situação atual.

Os educadores de jovens e adultos têm de ter consciência desse momento em que estamos. Esse tem de ser um dos traços de sua formação, ter conhecimento da atual situação da EJA, em termos de sua própria construção, como política pública, como responsabilidade e dever do Estado. (ARROYO, 2006, p.19)

A formação do professor deve ter uma correlação entre a teoria e a prática. Uma reflexão crítica daquilo que se estuda no curso superior com a história da educação, juntamente com a realidade da sala de aula. Ou seja, é necessário que o professor construa seus conhecimentos, não apenas reproduza os já existentes, mas que os modifique e aperfeiçoe, mudando assim a realidade da educação nas escolas.

Diante disto, podemos perceber que também se faz necessário que o professor conheça quem são seus alunos. Conhecer a trajetória de vida deles, suas culturas, suas crenças, seus saberes, são fundamentais para a construção de uma Educação de Jovens e Adultos emancipatória.

Conhecendo seus alunos, o professor poderá dialogar sobre a vida, sobre seus conhecimentos, sobre suas expectativas diante do processo educativo. Paulo Freire defendia que uma educação ocorre não apenas na “transmissão” de conhecimentos entre um professor e o aluno, mas acontece na dialogicidade, nas interações, no ouvir e falar, pois o professor não é o detentor de todo saber, mas o saber é construído coletivamente.

Porque educar é uma tarefa de trocas entre pessoas e, se não pode ser nunca feita por um sujeito isolado (até a auto-educação é um diálogo à

distância), não pode ser também o resultado do despejo de quem supõe que possui todo o saber, sobre aquele que, do outro lado, foi obrigado a pensar que não possui nenhum. (BRANDÃO, 2008, p. 10)

Um dos maiores desafios do professor na EJA é a diversidade dos alunos, principalmente a diversidade de idade. Pois temos dentro da mesma sala, tanto alunos de 15 anos como de 80 anos, por exemplo. Essa diversidade é um dos maiores desafios que o professor da EJA enfrenta.

Para lidar com isso é necessário que o professor conheça esses alunos e compreenda os objetivos de vida de cada um deles. De onde eles vieram e para onde pretendem ir. Não rotularizando os alunos ou desvalorizando suas capacidades por causa de sua história de vida, mas fazendo com que essa sua história sirva para sua emancipação, tanto quanto cidadão como também como ser humano.

Arroyo (2011) discute que se faz necessário uma mudança de olhar sobre os jovens e adultos, reconhecendo o peso que carregam da exclusão social, mas também os enxergando como ser humano, que têm trajetórias, sonhos e objetivos de vida. Desta forma se faz necessário:

Superar a dificuldade de reconhecer que, além de alunos ou jovens evadidos ou excluídos da escola, antes do que portadores de trajetórias escolares truncadas, eles e elas carregam trajetórias perversas de exclusão social, vivenciam trajetórias de negação dos direitos mais básicos à vida, ao afeto, à alimentação, à moradia, ao trabalho e à sobrevivência. (ARROYO, 2011, p. 24)

Os sujeitos da EJA são aqueles que por diversos motivos não conseguiram ir à escola e se foram, não conseguiram nela ter êxito, mas que por muitas razões chegam à escola, ou voltam para ela, buscando novas oportunidades, compreendendo novos horizontes, buscando sua identidade, construindo novos saberes.

É evidente que se faz necessário melhores condições para a EJA, desde a infraestrutura das salas de aulas, quanto a novas políticas públicas. Os alunos da EJA também devem ser privilegiados com programas e recursos governamentais que não apenas supra uma necessidade imediata, mas que conduza a educação destes jovens e adultos para uma elevação social e cultural.

Pela educação, queremos mudar o mundo, a começar pela sala de aula, pois as grandes transformações não se dão apenas como resultantes dos grandes gestos, mas de iniciativas cotidianas, simples e persistentes. (ROMÃO, 2011, p. 76)

A EJA deve ser vista como um espaço onde as pessoas consigam integrar-se a educação consiga ser alfabetizadas, consigam ter um olhar crítico sobre a sociedade, sobre a política, consigam conhecer novas culturas, novas formações sociais e assim reconstruam sua identidade como cidadão portador de direitos e deveres. O professor tem um papel fundamental nesta construção.

Desta forma, se faz necessário construir uma EJA que produza suas propostas pedagógicas, levando em consideração quem são seus sujeitos. Para que isso ocorra é necessário que a escola se torne um espaço aberto, flexível, que valorize os interesses e expectativas de seus sujeitos. Que compreenda que cada sujeito tem sua história de vida, sua particularidade, proporcionando sua inserção nas atividades sociais. E também construindo pontes para que eles consigam uma melhor expectativa de vida.

Para nossa prática docente na EJA, escolhemos trabalhar como tema principal “Gêneros Textuais”, na perspectiva de contribuir para o enriquecimento dos saberes dos alunos, principalmente em relação aos processos de leitura e escrita. Compreendemos que instigar nos alunos a curiosidade e o desejo de ler é fundamental para a promoção da educação para os jovens e adultos.

Tivemos como objetivo principal promover nos alunos um maior conhecimento sobre os diversos gêneros textuais que fazem parte de nosso cotidiano. E que através deste conhecimento, os alunos possam identificar e diferenciar os gêneros textuais.

Também trabalhamos com aulas temáticas, para cada gênero textual trabalhamos um tema diferente relacionado à vida, a identidade, ao trabalho e a cultura.

Procuramos trabalhar com o diálogo e com a realidade dos alunos, proporcionando uma troca de saberes. Pois compreendemos que a educação é um processo dialógico, onde há uma intensa troca de conhecimentos e construção de saberes através do diálogo. Como defende Freire (2003), o diálogo é fundamental para a construção de uma educação libertadora, onde os oprimidos através da fala expressam suas críticas e assim constroem suas visões de mundo e atitudes frente a realidade.

Através do conhecer sua realidade o homem compreende sua situação e busca meios para não permanecer nela, busca novos horizontes, busca seus direitos historicamente furtados. Nesta perspectiva, Freire sugere que:

Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e as suas circunstâncias. (FREIRE, 1979, p. 16)

Partindo destas concepções, promovemos sete oficinas temáticas, realizadas no mês de maio de 2016. Com o propósito de conhecer a realidade da EJA e intervir para a promoção educacional dos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: A EXPERIÊNCIA PRÁTICA

Aplicação das oficinas

Oficina 1 - Biografia: Identidade cultural

Tivemos como objetivo principal desta oficina ajudar os alunos a compreender os diversos gêneros textuais e identificá-los no cotidiano. Iniciamos a aula nos apresentando e apresentando nosso plano de ação, falamos sobre as oficinas e como seriam realizadas. Logo após propomos uma dinâmica: a dinâmica do crachá, onde cada aluno escreveria seu nome, os crachás foram recolhidos e os alunos iam pegando os crachás e teriam que descrever quem era a pessoa. Assim pudemos conhecer mais sobre os alunos e já fizemos uma ponte com o conteúdo da aula que foi a biografia. Explicamos sobre a biografia, lemos a biografia de Luiz Gonzaga. Depois propomos escrever a biografia de um aluno. Assim escolhemos seu Marcos e construímos sua biografia coletivamente.

Oficina 2 – música: música popular e paródias

Tivemos como objetivo principal desta oficina instigar a identificar os ritmos musicais, compreender a composição de uma música, identificando suas partes e suas origens regionais. A música além de fazer parte dos Gêneros Textuais é um elemento cultural que tem se manifestando em diversas letras e ritmos. Trabalhar com paródia na EJA possibilitará ao educando conhecer mais uma forma de representação cultural através do cotidiano. Iniciamos a aula com uma dinâmica aonde as pessoas iam passando uma bolsa, quando a música parava a pessoa abria a bolsa e realizava o que se pedia cantando. Por exemplo: que música você mais gosta? Qual a sua música de infância?

Etc. Depois apresentamos a temática música. Falamos sobre esse gênero. Apresentamos uma paródia sobre a EJA e propomos como atividade a construção de uma paródia sobre a história de vida escolar de um dos alunos.

Oficina 3 – Receitas: Comidas Regionais nordestina

Nosso objetivo nesta oficina foi Identificar as comidas regionais e compreender as partes de uma receita e sua utilidade. Conhecer as comidas regionais e saber diferenciá-las é de grande importância, já que fazemos parte de um povo marcado por uma ampla diversidade. Desta forma utilizaremos a receita como principal instrumento de conhecimento do tema abordado.

Iniciamos a aula com a dinâmica da comida é esta. Os alunos de olhos vendados tentaram descobrir o nome do alimento através do sabor. Com ênfase para eles descobrirem quais as comidas era tradicionais de sua região. Logo após, pedimos para os alunos citar os nomes das comidas típicas que eles conhecem, em seguida, apresentamos algumas que eles não conhecem como típica da nossa região. Explicamos as partes de uma receita. Depois escolhemos dentre as comidas citadas inicialmente, para construirmos uma receita. Finalizamos a aula com a degustação de comidas típicas.

Oficina 4 – panfletos: Comercio e negócios

Tivemos como objetivo nesta oficina ajudar os alunos a identificarem os produtos e seus respectivos preços em um panfleto, propondo a construção de um panfleto. O panfleto informativo, principalmente o de ordem comercial, é de grande utilidade e praticidade na divulgação de mercadorias, pois possibilita ao consumidor conhecer os produtos disponíveis e nortear-se em suas pesquisas de preço. Como parte integrante do cotidiano, é importante que os alunos saibam utilizar e identificar as partes dos panfletos informativos.

Iniciamos a aula com a dinâmica de construção em grupo: nesta dinâmica os alunos trabalham coletivamente a fim de alcançar o mesmo objetivo, que foi construir um rosto. Trabalhamos a importância do trabalho em equipe e assim partimos para a aula sobre comércio e negócio. Conversamos sobre a inflação, sobre os preços dos produtos e suas ofertas nos comércio. Logo em seguida, analisamos alguns panfletos de supermercado, dando ênfase às diferenças encontradas nos panfletos. Explicamos a utilidade do panfleto para o nosso cotidiano em seguida formamos duplas e montamos um panfleto maior com

todas as mercadorias escolhidas. Sendo que cada dupla ficou responsável por um gênero: alimentos, produtos de limpeza, etc.

Oficina 5 – literatura popular: Literatura de Cordel

Para esta oficina objetivamos identificar o cordel, analisar as partes do cordel, compreender a formação do cordel e apreciar o conto. A Literatura de cordel é mais um gênero textual que faz parte da nossa cultura brasileira, uma forma diferente de contar uma história por meio da poesia, apresentar a Literatura de Cordel para os educando é de grande relevância para sua aprendizagem cultural, além de contribuir para o desenvolvimento da leitura e escrita.

Iniciamos a aula apresentando um vídeo de cordel, “o Cangaceiro”. Logo após falamos sobre a literatura de cordel e como ela faz parte da cultura popular nordestina. Contamos a história de pessoas que gostam de cordel e falamos sobre os cordéis que conhecemos. Em seguida, entregamos um cordel dividido em diversas partes. Fizemos a leitura deste cordel e depois propomos que os alunos reconstruíssem o cordel.

Oficina 6 - História de Troncoso e Ditos populares: fábulas

Objetivamos nesta oficina compreender o que são histórias de Troncoso e ditos populares. Conhecer sua origem e refletir sobre a aprendizagem trazida por cada dito popular. A história de Troncoso e os ditos populares estão bastante presentes no cotidiano das cidades interioranas, no entanto, pouco se sabe a respeito de sua origem e da aprendizagem gerada por cada história ouvida ou dito mencionado, que muitas vezes são falados por hábito sem explorar o saber comum que os mesmos remetem.

Iniciamos a aula com a leitura e reflexão sobre uma história de Troncoso. Em seguida debatemos sobre o assunto e conversamos sobre as diversas histórias que nossos pais, avós e tios nos contavam. Fizemos uma roda de conversa onde cada aluno contou uma história que eles conheciam. Depois, apresentamos os ditos populares e como atividade entregamos para eles individualmente quatro ditos populares que estavam recortados e eles deveriam ler e encontrar a outra parte que completasse os ditos. Em seguida, montamos um cartaz com os ditos e fizemos uma leitura compartilhada.

Oficina 7 – trabalho e vida: carta pessoal

Como objetivos desta oficina pretenderam aos alunos conhecerem as partes de uma carta, compreender sua finalidade e a sua importância para o cotidiano. A carta é um dos gêneros textuais e um dos meios de comunicação mais antigo, que se faz presente na

atualidade mesmo em meio aos avanços tecnológicos. Aprender a escrever uma carta é de grande importância, pois é mais uma maneira de passar uma informação ou expressar um sentimento.

Para nossa última oficina, escolhemos trabalhar a carta como gênero textual e o trabalho como temática. Iniciamos a aula com a apresentação de um vídeo motivacional sobre a importância de trabalhar e de ter sonhos, independentes de quem somos ou quais são nossas limitações. Em seguida, apresentamos uma carta que fizemos para a turma. Logo depois explicamos as partes da carta. Depois pedimos para que eles construíssem uma carta para nós falando sobre sua experiência durante nossas oficinas.

Nossa vivência na EJA nos fez entender essa frase de Brandão, nos fazendo refletir que tipo de práticas o professor da EJA deve propor e quais devem ser suas atitudes frente à exclusão tão nítida neste espaço educativo.

Quanto mais o alfabetizador acredita que aprender é enfiar o saber de quem sabe no suposto vazio de quem não sabe, tanto mais tudo é feito de longe e chega pronto, previsto. (BRANDÃO, 2008, p. 10)

O educador da EJA precisa compreender três coisas: a história da EJA, a trajetória de vida dos alunos e seu papel na formação dos alunos. Tendo isso bem detalhado, o educador passa a enxergar a EJA como um espaço de grandes aprendizagens e principalmente um espaço de formação do caráter do cidadão.

Durante nosso processo de observação já pudemos perceber os grandes desafios enfrentados nesta modalidade. Tanto no que diz respeito à constante evasão quanto à diversidade dos alunos em sala de aula.

Esses dois problemas é frequentemente encontrado em quase todas as salas de aulas da EJA, por isso seu ensino é tão complexo, mas possui pouca visibilidade frente ao governo e as políticas públicas para a melhoria da oferta educacional na EJA. Há uma necessidade urgente de melhorias neste campo, pois a desvalorização e o descaso com a EJA só aumenta a estigma de uma educação fracassada.

Durante nossa prática docente, pudemos compreender as dimensões das dificuldades expressa rotineiramente nas falas das professoras da EJA. Não se pode pensar em ser professor da EJA sem ter conhecimento deste campo e suas intensas dificuldades.

Mas apesar de toda a dificuldade encontrada, foi gratificante poder atuar na EJA. Diferentemente dos outros campos educacionais que já estagiamos, a EJA foi uma experiência diferenciada, pois não estávamos ensinando crianças, mas adultos com opiniões e pensamentos formados.

Adultos esses que tem toda uma trajetória de vida; que não deve ser desvalorizado. Adultos que trabalham, que tem um lar para cuidar que tem toda uma bagagem cultural e religiosa.

Trabalhar com os jovens e adultos é compreendê-los em suas trajetórias de vida. Valorizando seus saberes, suas características e promovendo neles uma reflexão crítica sobre sua vida, sobre seu trabalho, sobre a política, sobre a realidade.

Como destaca ARROYO (2011):

Os jovens - adultos populares não são acidentados ocasionais que, ou gratuitamente, abandonaram a escola. Esses jovens e adultos repetem histórias longas de negação de direitos. Histórias coletivas. As mesmas de seus pais, avôs, de sua raça, gênero, etnia e classe social. [...] as trajetórias humanas e escolares desses jovens – adultos merecem ser lidas nesta perspectiva. Assumida essa dimensão: direitos negados historicamente aos mesmos coletivos sociais, raciais, conseqüentemente teremos de assumir a EJA como uma política afirmativa, como um dever específico da sociedade, do Estado, da pedagogia e da docência. (ARROYO, 2011, p. 30)

A promoção de uma EJA que seja construtora de novas perspectivas de vida, de novas atribuições educacionais é dever de todos nós. Buscar melhorias para a EJA deve ser prioritário. Mudar as concepções historicamente enraizadas é fundamental.

Neste processo que vivenciamos, refletimos sobre nosso papel como educador. Desta forma, compreendemos que o educador não pode ser omissos a realidade dos alunos, pelo contrário, ele deve instigar os alunos a não se acomodarem com as imposições de uma sociedade extremamente capitalista e excludente.

O professor precisa ter em vista que seu papel na EJA não é apenas alfabetizar para a alienação, mas alfabetizar para a visão crítica da realidade, alfabetizar para libertar (Freire, 2003).

A EJA é um campo de mudanças. É um espaço de construção de saberes. É o momento pelo qual os alunos ansiavam passar e por assim ser, deve ser realizado de

forma a atender as necessidades dos alunos e instruí-los para uma nova concepção de mundo, de vida.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M G. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L., GIOVANETTI, M. A., GOMES, N. L. (Orgs). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011.

ARROYO, M. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio (org.). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica/ SECAD-MEC/UNESCO, 2006.296 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2008

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: RJ: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia do Oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2003.

ROMÃO, J. E. Compromissos do educador de jovens e adultos . In: GADOTTI, M; ROMÃO, J. E. (Orgs), **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e propostas**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2011.